



Universidade de São Paulo (USP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH)

COLÓQUIO INTERNACIONAL
PROCEDIMENTOS
INTERDISCIPLINARES APLICADOS AO
EGITO ANTIGO E ORIENTE PRÓXIMO
Caderno de Resumos

ORGANIZADORES

Anita Fattori
Carlos Henrique Barbosa Gonçalves
Carolina Velloza Ferreira
Érika Rodrigues de Maynard Ramos
Leandro Ranieri
Marcelo Rede
Maria Thereza David João
Matheus Treuk Medeiros de Araujo

11/2016

LAOP



LABORATÓRIO DO ANTIGO
ORIENTE PRÓXIMO



APOIO



COLÓQUIO INTERNACIONAL (2016: São Paulo, SP).

Caderno de Resumos do Colóquio Internacional: Procedimentos Interdisciplinares aplicados ao Egito Antigo e Oriente Próximo, São Paulo, SP, 7 a 10 de novembro de 2016. São Paulo: Laboratório do Antigo Oriente Próximo, 2016. 41 p.

ISBN [-]

Tema: Procedimentos Interdisciplinares aplicados ao Egito Antigo e Oriente Próximo

1. Oriente Próximo. 2. História Antiga. 3. Arqueologia.



COMISSÃO ORGANIZADORA & CORPO EDITORIAL

Anita Fattori

Carlos Henrique Barbosa Gonçalves

Carolina Velloza Ferreira

Érika Rodrigues de Maynard Ramos

Leandro Ranieri

Marcelo Rede

Maria Thereza David João

Matheus Treuk Medeiros de Araujo



SUMÁRIO

Conteúdo

COMISSÃO ORGANIZADORA & CORPO EDITORIAL	3
SUMÁRIO	4
PROGRAMA.....	6
A. SESSÕES DE COMUNICAÇÕES	6
B. CONFERÊNCIAS	7
C. MINICURSO	8
APRESENTAÇÃO	9
PROGRAMAÇÃO GERAL (dias 07-08/11)	12
PROGRAMAÇÃO GERAL (dias 09-10/11)	13
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES	14
PRESENÇA NA AUSÊNCIA? CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MAAT DURANTE O PERÍODO AMARNIANO. (CAROLINA VELLOZA FERREIRA)	14
OS CASAMENTOS DIPLOMÁTICOS NAS CARTAS DE AMARNA – A PERSPECTIVA FARAÔNICA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIV A.C. (ANDRÉ SHINITY KAWAMINAMI)	16
PRESENTES ENTRE IRMÃOS: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DO PRESENTEAR NO PERÍODO DE AMARNA (SÉCULO XIV A.C.) (RENATO DE CARVALHO FERREIRA)	18
OS AMULETOS FUNERÁRIOS EGÍPCIOS DO MAE/USP: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO (VICTORIA ARROYO).....	20
HISTÓRIA, CIÊNCIAS SOCIAIS E ECONOMIA NAS PESQUISAS SOBRE EGITO ANTIGO. (DR. FÁBIO FRIZZO)	22
ADMINISTRAÇÃO E SOCIABILIDADE: A PRÁTICA DO ŠIBŠUM EM ŠADUPPŪM (ANITA FATTORI)	23



FONTES PARA A CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA ECONÔMICA DO ANTIGO EGITO DURANTE O NOVO REINADO (THOMAS HENRIQUE DE TOLEDO STELLA)	24
O PODER POLÍTICO DE SERÁPIS SOB UMA PERSPECTIVA COMPARADA (CAROLINE OLIVA NEIVA)	26
CIDADES MOVIMENTADAS E CORPOS EM MOVIMENTO NOS RELEVOS DOS PALÁCIOS NEO-ASSÍRIOS (LEANDRO PENNA RANIERI).....	28
EXPANSÃO E LEGITIMIDADE DURANTE O REINADO DE TUTMÉS III (1479-1425 a.C.) (Rafael dos Santos Pires)	30
O CULTO DIASPÓRICO DE ÍSIS E A SUA RECEPÇÃO NOS CULTOS DE MISTÉRIO (TAMIRES MACHADO).....	32
A CULTURA MNEMÔNICA PELAS MÃOS DOS ESCRIBAS (ÉRIKA MAYNART)	34
SEXUALIDADE E RELIGIÃO NA PÉRSIA ANTIGA (MATHEUS TREUK MEDEIROS DE ARAUJO)...	36
A ELITE DE TEH-KHET E A BAIXA NÚBIA NA AURORA DO REINO NOVO: DESLOCAMENTO, DOMINAÇÕES E NEGOCIAÇÕES CULTURAIS (FÁBIO AMORIM VIEIRA).....	38
TEXTOS E PRETEXTOS: A HIERARQUIA NÃO DITA NAS RELAÇÕES EGITO - MITANI (PRISCILA SCOVILLE)	40



PROGRAMA

A. SESSÕES DE COMUNICACÕES

1. Agentes sociais e cultura material (08/11)

1.1. Carolina Vellozo (Mestrado FAPESP – USP): Presença na ausência?

Considerações sobre o conceito de maat durante o período amarniano.

1.2. André Shinity (Graduação e Iniciação Científica – USP): Os casamentos diplomáticos nas cartas de Amarna – a perspectiva faraônica na segunda metade do século XIV a.C.

1.3. Renato Ferreira (Graduação – USP): Presentes entre irmãos: uma abordagem antropológica no presentear no período de Amarna (século XIV a.C.)

1.4. Victória Arroyo (Graduação e Iniciação Científica FAPESP – USP): Os Amuletos Funerários Egípcios do MAE/USP: Análise e interpretação.

2. Interdisciplinariedade e economia (08/11)

2.1. Dr. Fábio Frizzo (UNESA e UCAM): História, Ciências Sociais e Economia nas Pesquisas sobre Egito Antigo.

2.2. Anita Fattori (Mestrado FAPESP – USP): Administração e sociabilidade: A prática do šibšum em Šaduppûm.

2.3. Thomas Stella (Mestre – Unicamp): Fontes para a caracterização da estrutura econômica do antigo Egito durante o Novo Reinado.

3. Espaço e poder (09/11)



3.1. Caroline Neiva (Mestrado CAPES – UFRJ): O poder político de Serápis sob uma perspectiva comparada.

3.2. Leandro Ranieri (Doutorado FAPESP – USP): Cidades movimentadas e corpos em movimento nos relevos dos palácios neo-assírios.

3.3. Rafael Pires (Graduação e Iniciação Científica CNPQ – USP): Expansão e legitimidade durante o reinado de Tutmés III: (1479-1425 a.C.).

3.4. Tamires Machado (Mestrado CAPES – USP): O culto diaspórico de Ísis e a sua recepção nos cultos de mistério.

4. Negociações culturais e hierarquia (10/11)

4.1. Érika Maynard (Mestrado - USP): Cultura mnemônica pelas mãos dos escribas: O caso dos textos do Reino Médio.

4.2. Matheus Treuk (Doutorado FAPESP - USP): Sexualidade e religião na Pérsia Antiga.

4.3. Fabio Vieira (Mestrado CAPES – UFRG): A Elite de Teh-Khet e a Baixa Núbia na Aurora do Reino Novo: Deslocamento, dominações e negociações culturais.

4.4. Priscila Scoville (Mestrado CAPES – UFPR): Textos e pretextos: A hierarquia não dita nas relações Egito-Mitani.

B. CONFERÊNCIAS

1. Conferência de abertura (07/11)- Prof^a Andrea Zingarelli (Universidad Nacional de la Plata): Cambios sociales en Egipto en los inicios del segundo milênio a.C.: ¿antiguos y nuevos enfoques?al: Prédio de História e Geografia.



2. Conferência (08/11): Prof^o Antonio Brancaglioni Jr. (Museu Nacional – UFRJ): A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Entre o Passado e o Futuro.

3. Conferência (09/11)- Prof^a. Maria Thereza David João (Uninter): O percurso interdisciplinar da Egiptologia brasileira.

4. Conferência de encerramento (10/11): Prof^o Marcelo Rede (USP): História do antigo Israel: com ou sem a Bíblia?

C. MINICURSO

1. CURSO “FONTES E ABORDAGENS PARA A HISTÓRIA DO EGITO ANTIGO” – PROF^a M. HELENA TRINDADE LOPES Datas: 8, 9, 10 e 11 de novembro, das 19:30 às 21:30. Local: Prédio de História e Geografia (sala a confirmar).

Inscrições para alunos de pós-graduação pelo sistema Janus. Alunos de outras universidades ou de graduação que desejarem obter os créditos futuramente na pós-graduação, devem entrar em contato com a Secretaria de Pós-Graduação sobre a matrícula de aluno especial. Também é possível se inscrever no curso presencialmente no primeiro dia para obtenção de certificado emitido pelo Laboratório do Antigo Oriente Próximo - LAOP.



APRESENTAÇÃO

A área dos estudos das antiguidades no Brasil, sobretudo daquilo que é definido como “Antigo Oriente Próximo”, apesar de sua incipiência, vem, já desde longa data, tomando fôlego nos debates acadêmicos. Esse fato é evidenciado não somente pela participação e inserção de nomes brasileiros nos cenários acadêmicos internacionais, mas principalmente pelo desenvolvimento de frentes brasileiras de pesquisa que vêm oferecendo novas propostas de abordagens e articulam áreas diferentes dos conhecimentos em humanidades, filologia e ciências sociais.

Embora estejamos vivenciando um momento de esforços evidentes para o aprimoramento nas pesquisas historiográficas, arqueológicas, das ciências sociais, e a elas incorporando métodos tecnológicos atuais da arqueologia, datação, tratamento museológico, etc., essa inserção de largos alcances encontra suas barreiras na própria impossibilidade que temos de compartilhar e de debater tais temáticas com nossos iguais. Separados geograficamente dos tradicionais polos de pesquisa europeus e norte-americanos, e, ainda mais grave, de nossos conterrâneos, somos constantemente confrontados com o atraso, que nos exige esforços redobrados tanto em divulgar nossas pesquisas, quanto em entrar em contato com as de outrem. Nos falta o espaço privilegiado da discussão e do contato, fato que não apenas gera um desconhecimento entre pesquisadores e pesquisas, bem como retroalimenta um ciclo que impede o desenvolvimento e a incorporação das contribuições de nossos colegas, sejam eles brasileiros ou não.



Este Colóquio visou, assim, oferecer uma resistência para romper com algumas das lacunas geradas por um processo em curso, porém fragmentado, de consolidação desses conhecimentos. Acreditamos que não é mais possível atualizar os modos e abordagens de pesquisa fazendo-se uma história setorizada do Egito ou da Mesopotâmia. Integrando disciplinas e metodologias, pretende-se, por exemplo, viabilizar uma história do Egito Antigo no Brasil e não a egiptologia tradicionalmente constituída. Para a consecução de tal empreendimento, diversos pesquisadores das várias tradições disciplinares e metodológicas, como a arqueológica, a historiográfica, filológica e das ciências sociais de estudos próximo-orientais, se reuniram e compartilharam suas experiências, pesquisas e dúvidas sobre as possibilidades que temos para encaminhar a área de antiguidades nas academias brasileiras e as pesquisas que elas produzem.

O Colóquio “Procedimentos Interdisciplinares Aplicados ao Egito Antigo e Oriente Próximo”, objetivou (a) suprir a carência, devidamente constatada, que há nos estudos da antiguidade próximo oriental, (b) congregar, num espaço privilegiado, debates atuais e axiais nos estudos relativos a essas temáticas, inserindo e ambientando os estudantes brasileiros nos reconhecidos debates internacionais e finalmente (c) compor um espaço favorável de trocas entre jovens pesquisadores e destes com professores acadêmicos, e estimulá-los, em dando continuidade as suas pesquisas e debates, a avançar como pesquisadores e adensar as construções e iniciativas, com as quais contamos para pesquisar, aprender e ensinar temáticas relativas à antiguidade próximo oriental no Brasil.

Com duração de quatro dias, entre 7 e 10 de novembro de 2016, o evento se destinou à apresentação de trabalhos e conferências com o objetivo de demonstrar possibilidades para um tratamento interdisciplinar de diversos tipos de objetos



relacionados à antiguidade. Uma abordagem interdisciplinar permite combinar tratamentos metodológicos diversos pelos quais são analisadas as fontes, a cronologia ou os processos históricos. Tal combinação de saberes, por sua vez, fomenta debates que ultrapassam suas temáticas estritas, favorecendo permutas e discussões benéficas entre pesquisadores de estudos notadamente próximos.



PROGRAMAÇÃO GERAL (dias 07-08/11)

	07.11	08.11
10:00h – 12:00h		Sessão de Comunicações 1: Agentes sociais e cultura material Carolina Vellozo, André Shinity, Renato Ferreira e Victória Arroyo
12:00h – 12:30h		Debate
14:30h – 15:30h	Conferência de abertura- Prof ^a Andrea Zingarelli (Universidad Nacional de la Plata): Cambios sociales en Egipto en los inicios del segundo milênio a.C.: ¿antiguos y nuevos enfoques?	Sessão de Comunicações 2: Interdisciplinarietà e economia Fábio Frizzo, Anita Fattori, Thomas Stella
15:30h – 16:00h		Debate
16:00h Coffee Break		
16:30h – 17:30h	Conferência- Prof ^a . Maria Thereza David João (Uninter): O percurso interdisciplinar da Egiptologia brasileira.	Conferência: Prof ^o Antonio Brancaglioni Jr. (Museu Nacional – UFRJ): A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Entre o Passado e o Futuro



PROGRAMAÇÃO GERAL (dias 09-10/11)

	09.11	10.11
10:00h – 12:00h		
12:00h – 12:30h		
14:30h – 15:30h	Sessão de Comunicações 3: Espaço e poder Caroline Neiva, Leandro Ranieri, Rafael Pires, Tamires Machado	Sessão de Comunicações 4: Negociações culturais e hierarquia Érika Maynard, Matheus Treuk, Fabio Vieira e Priscila Scoville
15:30h – 16:00h	Debate	Debate
16:00h Coffee Break		
16:30h – 17:30h	Conferência- Prof ^a Maria Helena Trindade Lopes (Universidade Nova de Lisboa): De Apriés a Mênfis, uma viagem pela arqueologia e pela história do Egito faraônico.	Conferência de encerramento: Prof ^o Marcelo Rede (USP): História do antigo Israel: com ou sem a Bíblia?



RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

PRESENÇA NA AUSÊNCIA? CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MAAT DURANTE O PERÍODO AMARNIANO. (CAROLINA VELLOZA FERREIRA)

Universidade de São Paulo, FLLCH; Mestrado em História Social em Andamento - FAPESP

carolina.velloza.ferreira@usp.br

Poucos conceitos foram tão fundamentais para o mundo antigo egípcio quanto aquele de *Maat*. Convencionalmente entendido pela egiptologia de forma bastante ampla como o princípio da ordem cósmica universal, *Maat* foi definida por J.Bergman (Apud ASSMANN, J, 1989,p. 33) como o mito fundador do estado egípcio. Tamanha a sua amplitude e importância, não há registros de outro conceito que tenha suscitado equivalente diversidade de discursos: *Maat* aparece, ao longo do período faraônico, em praticamente todos os tipos de documentação as quais temos acesso (ASSMANN, J. 1989, p.33), frequentemente como ponto chave para os entendimentos holísticos daquela sociedade. O período Amarniano, reinado do faraó Akhenaton (1353- 1335 a.C), é definido por diversos autores (TEETER, E. 2011, p. 188) como ocasião de supressão de *Maat* em todo o seu significado profundo e plural, o que teria resultado numa lacuna insuperável na trama da "compreensão de mundo" egípcio, que, somente como o fim desse episódio, teria se restabelecido. Tomando esse lugar comum da egiptologia como ponto de partida e buscando perceber como se apresenta essa, possivelmente, nova configuração do entendimento da organização cósmica, em seus aspectos múltiplos e essenciais analisaremos um relevo do período Amarniano conhecido como "janela das aparições" (Tumba de Meryra II em Amarna, representação da Egyptian Exploration Society), em comparação com outras imagens provenientes de contexto semelhante, mas datações diferentes (tumba de Nebamon Museu Britânico). A comunicação visa encontrar entendimentos preliminares sobre o conceito de *Maat* e as



transformações pelas quais passou no reinado de Akhenaton, ainda que essas mudanças sejam, não poucas vezes, denunciadas justamente pelas ferramentas silenciosas das ausências.

Palavras-chave: Amarna, Iconografia Amarniana, *Maat*.



OS CASAMENTOS DIPLOMÁTICOS NAS CARTAS DE AMARNA – A PERSPECTIVA
FARAÔNICA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIV A.C. (ANDRÉ SHINITY
KAWAMINAMI)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo; Graduação
em História
andre.kawaminami@usp.br

Os casamentos diplomáticos foram uma prática realizada entre alguns reis do antigo Oriente Próximo na época do Bronze Recente. Essa prática é bem retratada nas cartas de Amarna, escritas em tabletes de argila em cuneiforme (acadiano), encontradas em 1887 no Egito, em Tell el-Amarna. Elas datam de cerca da metade do século XIV a.C. e representam parte da correspondência egípcia com reinos aliados e com reinos subalternos. Os faraós que aparecem nas cartas são Amenhotep III (c.1388-1351 a.C.) e seu filho sucessor Amenhotep IV (c.1351-1334 a.C.), depois conhecido como Akhenaton. Nas cartas, os casamentos realizados entre os Grandes Reis (nomenclatura moderna que abrange os monarcas do Egito, Babilônia, Assíria, Mittani e de Hatti) geraram tensões e se caracterizaram pelas diferentes perspectivas dos reis sobre a prática. A perspectiva faraônica se diferencia da dos demais reis na medida em que o faraó não costumava cogitar conceder uma mulher real egípcia em casamento, apenas recebia as que os outros reis concediam. Essa medida egípcia confrontava a ideia pela qual os Grandes Reis se reconheciam nas cartas: como uma irmandade, entre iguais. Através da análise e estudo das cartas de Amarna, os principais objetivos da pesquisa consistem em: 1) compreender qual era a perspectiva faraônica sobre os casamentos diplomáticos a partir da cultura egípcia e das interações do faraó com o exterior, suas diferenças e conflitos em relação às perspectivas dos outros reis sobre essa prática; 2) compreender os significados e implicações dos casamentos diplomáticos, analisando as possibilidades dos destinos das princesas estrangeiras quando era consolidado o casamento e chegavam à corte egípcia, integrando o “harém” do faraó. Para compreender quais seriam os possíveis motivos da singularidade da perspectiva



faraônica em relação aos outros reis sobre os casamentos diplomáticos, será utilizada como método de análise das cartas a análise do discurso, possibilitando identificar os sujeitos presentes nas cartas, seus argumentos e as relações estabelecidas entre o emissor e o receptor. Desse modo, será realizada uma análise contextual, e não puramente textual. Será feita uma abordagem mais voltada para o âmbito antropológico para compreender a noção de reciprocidade, as estruturas de parentesco e os choques culturais entre os Grandes Reis, a partir da análise desse conjunto de correspondências. Como a pesquisa encontra-se no seu estágio inicial, ainda não há hipóteses de pesquisa concluídas e ainda não há resultados, mas é possível discutir sobre as primeiras impressões de algumas das cartas de Amarna relacionadas ao objeto de pesquisa.

Palavras-chave: cartas de Amarna; casamentos diplomáticos; perspectiva faraônica.



PRESENTES ENTRE IRMÃOS: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DO
PRESENTEAR NO PERÍODO DE AMARNA (SÉCULO XIV A.C.) (RENATO DE
CARVALHO FERREIRA)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo; Graduação
em História
renato.carvalho.ferreira@usp.br

As Cartas de Amarna são um epistolário real de meados do século XIV a.C. que teria estado em circulação nas cortes do Egito e dos principais Estados do Oriente Próximo (Mitani, Assíria, Babilônia e Império Hitita), muito embora esporadicamente também em Estados fora dessa zona geográfica. A presente comunicação visa analisar a forma como os mecanismos da troca de presentes são apresentados nessa correspondência e quais foram suas implicações no contexto social desse período. É consenso pela análise dessas fontes que o presentear era de importância primeira a fim de permitir que a diplomacia entre as cortes fosse possível e sua menção é prevalente nesta documentação, sobretudo em relação às solicitações de esposas. Os presentes eram esperados, havendo episódios documentados em que atritos foram gerados pelo não envio ou pelo envio de quantidades pouco avultadas de certo produto almejado, sobretudo o ouro egípcio que foi alvo da cobiça dos reis “asiáticos”. Eles também eram inclusive exigidos, o que aparentemente descontra a espontaneidade como princípio básico que tal ato. A justificativa para tais exigências assenta-se na reciprocidade esperada entre estes monarcas e no vínculo familiar que reincidentemente os reis alegavam possuir uns com os outros. Independentemente da existência desse vínculo familiar, que efetivamente poderia existir, os reis tratavam-se como irmãos e sempre esperavam presentes, porém nunca com a ideia de benefício próprio, havendo sempre uma finalidade específica para tais solicitações, sejam os casamentos supracitados, seja a construção de algum edifício específico, por exemplo.



Palavras-chave: Antigo Oriente Próximo; Período de Amarna; Epistolário real; troca de presentes; reciprocidade.



OS AMULETOS FUNERÁRIOS EGÍPCIOS DO MAE/USP: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO (VICTORIA ARROYO)

Museu de Arqueologia e Etnologia - USP; Graduanda em História; Iniciação Científica (FAPESP)

victoria.arroyo@live.com

O projeto de pesquisa visa estudar os amuletos funerários egípcios da coleção do acervo do MAE-USP por meio da análise sistemática de cada objeto segundo suas características morfológicas, técnicas, iconográficas e cronológicas. Tais informações serão reunidas em fichas de análise compostas por categorias descritivas e classificatórias de análise de material arqueológico enquanto instrumento metodológico, a fim de produzir um banco de dados que forneça para parâmetros de comparação com recortes de coleções disponíveis e publicadas de amuletos funerários egípcios dos museus nacionais e estrangeiros. Assim, objetivamos integrar o banco de dados na coleção do acervo do MAE a fim de complementá-lo. Dessa forma, a elaboração e o exame do catálogo e do banco de dados também proporcionarão ferramentas de discussão sobre os usos, às funções e os significados desses artefatos na vida cotidiana e nos contextos funerários no Antigo Egito. Para isso, serão realizadas leituras das referências bibliográficas que versam sobre os aspectos teórico-metodológicos de análise e interpretação dos contextos funerários em geral, sobre o aparato da cultura material do mundo dos mortos no Egito Antigo e, em específico, sobre as características, usos, funções e significados dos amuletos nos contextos mortuários egípcios. O estudo sistemático e detalhado do material selecionado será realizado a partir da análise das peças nos laboratórios do MAE-USP com o objetivo de produzir um catálogo em *Word*. O catálogo elaborado em *Word* será sistematizado em uma base de dados a ser elaborada no software *FileMaker*. A elaboração do catálogo e do banco de dados viabilizará a comparação entre os dados e a discussão dos resultados da análise do material do acervo e, futuramente, levantar reflexões sobre os resultados obtidos



nesta pesquisa com acervos de amuletos funerários nos museus brasileiros e internacionais. Com o desenvolvimento da pesquisa, os resultados esperados a serem alcançados são ampliar o conhecimento sobre a concepção e a visão da morte e do pós-vida dos antigos egípcios, assim como discutir a importância da proteção do corpo após a morte por meio dos amuletos funerários.

Palavras-chave: amuletos, arqueologia, práticas funerárias



HISTÓRIA, CIÊNCIAS SOCIAIS E ECONOMIA NAS PESQUISAS SOBRE EGITO
ANTIGO. (DR. FÁBIO FRIZZO)

Universidade Estácio de Sá

fabio.frizzo@gmail.com

Atualmente, acumulam-se afirmações, especialmente de pesquisadores e pesquisadoras latino-americanos e ibéricos, acerca do atraso metodológico da Egiptologia em relação a outros campos de análise do passado. Moreno Garcia (2015), por exemplo, chega a afirmar que as práticas, conceitos e preocupações intelectuais dos egiptólogos e egiptólogas são externos aos debates correntes na História Antiga e na Arqueologia. Neste contexto, cabe ressaltar o afastamento em relação a debates já antigos no campo da teoria política e da economia. Ainda na década de 1920, um intelectual como E. Panofsky (1955) afirmava, metaforicamente, que a se a teoria não fosse recebida à porta de uma ciência empírica, entraria, como um fantasma, pela chaminé e poria a mobília da casa de pernas para o ar. Neste sentido, esta comunicação dedicar-se-á a demonstrar a fragilidade ou falta de historicidade da teoria implícita em análises acerca do Estado e da economia do Egito Antigo, buscando apontar a importância do contato interdisciplinar com áreas da Ciência Política e da Economia para a construção de modelos teóricos explícitos, fundamentais para a compreensão das estruturas sociais do Egito Antigo.

Palavras-chave: Ciência Política; Economia; Estado; Egiptologia; Teoria Social.



ADMINISTRAÇÃO E SOCIABILIDADE: A PRÁTICA DO ŠIBŠUM EM ŠADUPPŪM
(ANITA FATTORI)

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; Mestrado - FAPESP

anitafattori@usp.br

No ano de 1958, Albrecht Götze publicou no número 14 da revista iraquiana *Sumer* as 50 cartas de Tell Harmal. Essas cartas mesopotâmicas de conteúdo administrativo foram exumadas do sítio arqueológico de Tell Harmal (localizado na periferia da moderna Bagdá), antiga Šaduppûm. Datada do período paleobabilônico, essa documentação foi produzida durante a domínio de Ešnunna sobre Šaduppûm, mais especificamente durante o reinado de Ibal-piel II (1779-1765 AEC), último rei antes do desmonte do reino de Ešnunna por Hammurabi. Através da análise de uma carta específica dessa coleção, a carta número 16 (IM 51198), a presente comunicação pretende explorar a prática administrativa do šibšum e, de forma breve, refletir sobre as estratégias de sociabilidade que podem ser entrevistadas nesse documento. A prática administrativa em questão é denominada pelo termo acadiano šibšum, termo que foi utilizado em diferentes períodos e contextos na antiga Mesopotâmia. Esse trabalho tem o intuito de discutir as ocorrências do termo no período paleobabilônico, que, de forma geral, corresponde a uma taxa paga sobre a produção agrícola, seus contextos de aplicabilidade e as suas especificidades em Šaduppûm. O outro aspecto a ser discutido, as estratégias sociabilidade, pode ser entrevistado na carta escolhida por meio da relação entre dois administradores da cidade de Šaduppûm, a saber Warḫum-māgir, o governador da cidade, e Imgur-Sîn, o responsável pelos campos e pela produção agrícola, e o dono das terras, Kubbutum, mediante a ameaça de conflito relacionado ao pagamento do šibšum.

Palavras-chave: Práticas administrativas, sociabilidade, Mesopotâmia, período paleobabilônico.



FONTES PARA A CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA ECONÔMICA DO ANTIGO EGITO DURANTE O NOVO REINADO (THOMAS HENRIQUE DE TOLEDO STELLA)

Universidade Estadual de Campinas; Mestre em Desenvolvimento Econômico

Universidade de São Paulo; Bacharelado e Licenciatura em História

thomasdetoledo@yahoo.com.br

A economia do Antigo Egito viveu um apogeu durante o Novo Reinado, quando seu dinamismo era impulsionado tanto pela capacidade de construir e reconstruir cidades, complexos templários e palacianos, estradas e portos, quanto pela diversificada produção material. Sua estrutura produtiva compreendia da agropecuária à manufatura, desde produtos artesanais até bens complexos, que demandavam matérias-primas oriundas do extrativismo mineral, vegetal e animal e do comércio exterior. Produtos como barcos, carros, bigas, móveis, papiros, ferramentas, objetos de uso cotidiano, funerário, administrativo e cerimonial eram produzidos em escala e esta economia apresentava estímulos à inovação, que podem ser notados na experimentação de novas técnicas de construção e produção. No Novo Reinado, existem fontes que permitem verificar como o Estado taxava a agricultura (papiro de Wilbour) e como contabilizavam-se doações dos reis aos templos (papiro de Harris). Anais dos nilômetros presentes em templos e listas de reis que mencionam as vazões do rio constituem fontes econômicas por possibilitarem estimar a dimensão da produção agrícola no referido ano. Em um estudo compilado por J. Janssen (1975), ostracas encontradas em Deir Al-Medina serviram como dados para a quantificação dos preços dos principais produtos e salários pagos a diferentes categorias laboriais durante diversos períodos do Novo Reinado. Registros de missões ao exterior que estão estampadas em paredes de complexos templários como Luxor e Karnak e nos templos funerários e tumbas de Tebas oeste, além de estelas e papiros espalhadas pelo mundo, revelando produtos comercializados com outros países. Nesta economia, o saque e a pilhagem em guerras tem importância, da mesma forma que expedições a remotas



minas, registradas como feitos de reis. Por ser uma economia não monetária, os produtos de grande circulação como a cevada e o ouro serviam como equivalente de troca e reserva de valor. O objetivo deste estudo é construir um quadro analítico integrado deste complexo econômico, a fim de identificar quais setores melhor contribuíam para garantir o elevado dinamismo da economia egípcia. A metodologia consiste em ordenar as informações qualitativas e quantitativas referentes ao respectivo setor da economia (de modo análogo aos atuais primário, secundário e terciário), a partir das fontes mencionadas. A hipótese é de que o dinamismo econômico reside especialmente nas atividades transformadoras (construção, artesanato, manufatura), que impulsionam o setor primário (agricultura, pecuária, extrativismo), o comércio interno e exterior e a redistribuição de bens de acordo com os critérios do Estado e dos templos. Diferentemente de uma economia capitalista em que o dinamismo é psicologicamente orientado na busca pela acumulação e reprodução do capital, no Antigo Egito, a crença na imortalidade estimulava produzir obras e bens, resultando em uma rica cultura material para o uso tanto na vida quanto no pós-morte.

Palavras-chave: Antigo Egito, Economia, Novo Reinado.



O PODER POLÍTICO DE SERÁPIS SOB UMA PERSPECTIVA COMPARADA
(CAROLINE OLIVA NEIVA)

UFRJ/PPGHC – Mestranda - CAPES
carol_oliva_neiva@hotmail.com

Serápis é uma divindade egípcio-helenística que reflete o hibridismo cultural da sociedade alexandrina e a necessidade de adaptação dos elementos culturais egípcios e helênicos durante o período inicial da dominação Lágida no Egito (305 – 30 a.C.). Sua iconografia traz um homem maduro, barbado, vestido à moda grega, nada semelhantes às representações faraônicas. Seu nome seria a transliteração em grego de Osor-Hapi, antiga divindade egípcia faraônica cultuada em Mênfis, cuja iconografia retrata o corpo de um homem com a cabeça de touro, remetendo ao deus Osíris mumificado e ao touro sagrado de Mênfis, Ápis. Dessa forma seu culto fora associado pelos sacerdotes egípcios e pelos governantes Lágidas a diferentes elementos, a saber: a fertilidade e abundância agrícola, aos ritos funerários, ao poder de cura, a proteção de Alexandria e dos alexandrinos e, sobretudo, a Legitimação dos governantes Lágidas. Destarte, percebemos que Serápis possuía diferentes atributos, no entanto para esta comunicação focaremos no caráter político que a divindade exercia ao legitimar os governantes. Largamente difundido na cunhagem monetária alexandrina, o poder legitimador de Serápis e sua relação com os governantes Lágidas e Romanos foram representados em variadas tipologias, algumas repetidas por diferentes governantes e outras, frutos de inovações. Consideramos a moeda como um importante elemento de comunicação entre os governantes e os provinciais, de modo que mensagens estivessem contidas nas representações imagéticas. Nesta comunicação analisaremos as representações iconográficas de Serápis na numismática alexandrina durante o governo dos Imperadores Antoninos (96-192 d.C.) a partir da aplicação do Método Iconológico de E. Panofsky (1991), transformando dessa forma o discurso imagético num discurso literário, identificando mensagens contidas nas representações iconográficas. Aventa-se, verificar se haveria alguma relação entre as cunhagens realizadas pelos Imperadores Antoninos e contexto sócio-político alexandrino do II século. A fim de se examinar esta



hipótese seguiremos a proposta de J. Kocka (2003) acerca da História Comparada, propondo um estudo comparado entre o discurso contido nas representações iconográficas de Serápis cunhadas em moedas alexandrinas durante o governo dos Imperadores Antoninos (96-192 d.C.) e o discurso literário presente num fragmento dos *Acta Alexandrinorum* conhecido como *Acta Hermaisci*, analisando comparativamente o discurso imperial e o provincial, buscando-se inter-relações entre estas documentações.

Palavras-chave: Alexandria – Antoninos – *Acta Hermaisci* – Numismática – História Comparada



CIDADES MOVIMENTADAS E CORPOS EM MOVIMENTO NOS RELEVOS DOS PALÁCIOS NEO-ASSÍRIOS (LEANDRO PENNA RANIERI)

Universidade de São Paulo; Doutorado - FAPESP

ranierileandro@gmail.com

No fim do segundo milênio AEC, placas de pedra passaram a compor as paredes dos palácios assírios, contendo um trabalho de escultura em baixo relevo. O uso ou a prática desses relevos foi continuada por todo o período denominado Neo-Assírio (934-610), expondo figuras ou imagens de pessoas, animais, plantas e arquiteturas. Os corpos e as cidades são alguns componentes evidentes e são objetos de pesquisas interdisciplinares que os analisam em conjunto ou separadamente. Quando conjugados, as interpretações das narrativas espaciais expressadas nos relevos expõem as dinâmicas de movimento que podiam ser vistas nas paredes dos palácios. Soma-se a essa via de interpretação as análises sobre a posição dos relevos nas paredes, expondo modos de percepção pela movimentação e a potencial (ou a impossibilidade de) influência àqueles que poderiam adentrar às salas dos palácios. Os elementos arquitetônicos das cidades e expressados nos relevos servem à compreensão de aspectos topográficos, contextuais e ideológicos, assim como os corpos e suas ações permitem o reconhecimento de certas identidades étnicas, sociais e também ideológicas. Contudo, a cidade tem sido considerada como um pano de fundo, como um cenário estático que permite a dinâmica e o movimento dos corpos na cena narrada em imagens. Sem desconsiderar essa possibilidade de interpretação iconográfica, o objetivo desta primeira investigação é examinar alguns relevos em que a cidade pode ser entendida como um componente dinâmico e ativo nas narrativas dos relevos palacianos. São elencadas como fontes alguns relevos dos palácios de Assurnasirpal II (883-859), Tiglath-Pileser III (744-727), Senaqueribe (704-681) e Assurbanipal II (668-629). Especialmente em cenas de batalhas, pode-se deprender uma dinâmica pela interação entre a direção e posição dos corpos em relação às cidades. Em princípio, corpos movimentam-se no tempo e no espaço, cidades



e seus muros não. Contudo, percebe-se que esses elementos são manipulados de acordo com convenções e intenções do artífice, expondo visualmente aspectos da realidade que devem ser vistos. Corpos e cidades são fragmentados: suas partes são moduladas para que se torne evidente aquilo que deve ser relevante para ser visto. Rostos e pernas vistos lateralmente num tronco em posição anterior; cidades expostas em muros e andares, vistas em perspectiva bidimensional e alinhadas com única frente. O artífice busca mostrar todos os aspectos importantes de serem vistos em duas dimensões, de uma realidade cênica com profundidade, distâncias e tempos diversos. Nesse sentido, os casos das cidades vistas de cima e de seu interior e daquelas expostas forçadamente como frontais podem ser movimentos feitos pelo artífice para que aquilo que é expressado torne-se fim e meio de como deve ser visto. Cria-se uma imagem real que é posta ao observador para ser vista daquele modo. Também a variação entre a exposição anterior e lateral de uma cidade numa cena de batalha e de cidades expressas frontalmente sem pessoas pode significar uma intenção de exposição e visualização da passagem do caótico, que está sendo ordenado, e o já em ordem. Nas mãos do artífice, corpos e cidades são movimentados; na visualidade, ambos os elementos se movimentam.

Palavras-chave: Relevos Neo-Assírios. Corpos. Cidades.



EXPANSÃO E LEGITIMIDADE DURANTE O REINADO DE TUTMÉS III (1479-1425
a.C.) (Rafael dos Santos Pires)

Universidade de São Paulo – Graduação; Iniciação Científica - CNPq

rafael.pires.sp94@gmail.com

A presente pesquisa tem por interesse estabelecer uma relação entre a ação militar em direção ao Levante que marca o reinado de Tutmés III e a obtenção – e manutenção – de sua legitimidade como governante. Mais especificamente, temos por objetivo a análise da integração da política militar levada a cabo por Tutmés III à lógica do faraó como mantenedor da Ordem, tanto cósmica quanto terrena. Para além desses elementos há também o interesse pela análise do estabelecimento de relações entre o governante e suas elites guerreiras. A partir de uma historiografia mais tradicional, durante muito tempo o governo faraônico foi visto como um exemplo do que se convencionou chamar de *despotismo asiático*, isto é, o governante se coloca acima de todas as estruturas sociais e comanda o território de maneira absoluta. Ao analisarmos algumas fontes de forma superficial, como as estelas de triunfo, aparentemente tal afirmação parece correta: na Estela de Gebel Barkal, por exemplo, o faraó aparece como uma potência em si mesmo, um ser capaz de realizar os maiores feitos sozinho. Tutmés III nessa estela é tratado como um ser a ser temido, uma vez que é capaz de massacrar todos seus inimigos por conta própria. Contudo, com a descoberta de novas documentações, como os textos encontrados nos túmulos das elites, e um olhar mais crítico às velhas fontes, pode-se observar que a realidade era outra. Na inscrição tumular do tenente-general Amun-em-heb, por exemplo, percebemos que, embora o faraó continue sendo visto como uma figura que se destaca, que é capaz de despertar a confiança em seus súditos, Tutmés III fica feliz ao poder contar com o tenente-general. Essa forma de discurso demonstra que, apesar da submissão ao faraó permanecer em pauta, a elite que o acompanha também reconhece sua própria importância. A partir da análise desses dois tipos de fontes – estelas de triunfo e inscrições tumulares –, torna-se



possível perceber que a elite militar está inserida, no início do Reino Novo e no apogeu do Império, alcançado durante o governo de Tutmés III, nos jogos de poder da Coroa egípcia – a ascensão de figuras como Tutmés I, um general sem qualquer laço sanguíneo com a Família Real é prova concreta disso. É a elite militar a responsável por manter o Caos, personificado em possíveis invasões, afastado do Egito, auxiliando na manutenção da legitimidade faraônica. É essa elite também a responsável por trazer riquezas ao Egito, estabilizando também outros grupos, como as elites sacerdotais.

Palavras-chave: Legitimação; Expansão; Elites militares; Despotismo.



O CULTO DIASPÓRICO DE ÍSIS E A SUA RECEPÇÃO NOS CULTOS DE MISTÉRIO (TAMIRES MACHADO)

USP, FFLCH, Departamento de Letras Orientais /Mestrado em Andamento - CAPES

tamires.machado@usp.br, tamiresmach@gmail.com

Esta comunicação pretende trazer algumas características do culto diaspórico de Ísis, ou seja, é proposto levantar alguns elementos da circulação do culto da deusa egípcia pelo Mediterrâneo, principalmente, no contexto do mundo religioso helenístico. A análise caminha, neste sentido, para a recepção da religião isíaca nos Cultos de Mistério durante a época do Império Romano. Entre o meio do último milênio anterior à Era Comum e metade do primeiro século ocorreram importantes transformações na história do mundo religioso, trata-se de um período de complexidade religiosa e que figurava um universo de pluralismo religioso. É possível estabelecer que há uma primeira recepção dos cultos de Ísis em território grego por volta do IV século (A. E. C.), posteriormente, com o resultado da expansão do Império Romano muitos estrangeiros passaram a se mudar para Roma e para a região, trazendo seus cultos e tradições. Esta mistura populacional e o fluxo migratório garantiu a travessia de cultos orientais para as províncias ocidentais, em tal panorama figura o caso do culto de Ísis, uma das deusas mais proeminente e popular da religião egípcia. Na época do Império Romano o seu culto se bifurcou entre aquele que era praticado em terras estrangeiras, através da diáspora egípcia, e o culto que permaneceu na região do Egito. Desse modo, o culto diaspórico de Ísis se estabeleceu ao redor da região do Mar Egeu, do Mar negro, Chipre e Cecília durante o terceiro e o segundo século (A. E. C.), o culto isíaco também prosperou posteriormente e, a partir das conquistas romanas e se espalhou para o centro da Itália, o Mediterrâneo Ocidental e até o norte dos Alpes. Uma característica singular e importante foi a assimilação do culto de Ísis aos “Cultos de Mistério”, que, por sua vez, possuem sua origem nos “Cultos de Elêusis”. A associação de Ísis à deusa Deméter e, até mesmo com sua filha Koré, foi certamente um elemento importante nesta incorporação. Há, no



entanto, elementos importantes que distinguem o culto isíaco das práticas religiosas cívicas das cidades romanas. Neste sentido, a apresentação pretende abordar elementos referentes à religião isíaca, seu contexto nos cultos de mistério, e a distinção destas práticas frente a religião cívica romana. Como fonte de pesquisa a obra *Antigos Cultos de Mistério* de Walter Burkert (1992) é de relevante importância para a análise, outros autores também são essenciais e enquanto alguns dos textos dialogam diretamente com esse autor, trazendo seus contrastes, outros adicionam reflexões importantes para a presente abordagem: WOOLF, Greg, *Isis and the Evolution of Religions*, 2014; NORTH, John, *The development of religious pluralism*, 1992; PRICE, Simon, *Religious Mobility in the Roman Empire*, 2012; e MALAISE, Michel, *Le problème de l'hellénisation d'Isis*, 1999.

Palavras-chave: Ísis – Religião – Cultos – Mistério - Roma



A CULTURA MNEMÔNICA PELAS MÃOS DOS ESCRIBAS (ÉRIKA MAYNART)

Universidade de São Paulo/História Social; Mestrado

erikarmramos@gmail.com

A análise da origem histórica de objetos textuais tem se voltado gradualmente aos agentes sociais envolvidos na produção dos artefatos escritos que hoje nos servem de fontes para a interpretação das práticas culturais e literárias egípcias. Relativamente aos textos de instrução, chamados de *sbayt*, as contribuições das teorias sobre a memória cultural colocaram em perspectiva a autoria dos textos, o que trouxe ainda mais possibilidades e questionamentos acerca de suas origens históricas. Como codificações escritas de ensinamentos para serem mantidos e transmitidos no Egito, os textos de instrução institucionalizaram objetos de memória segundo intenções gerais de manutenção da identidade egípcia, quase sempre atrelada à monarquia. Mas também o fizeram segundo as tradições de escrita elaboradas pelos escribas e que não deixaram de empregar uma das características marcantes da literatura egípcia antiga, qual seja, o teor autorreferencial. Partindo do pressuposto que todos os textos têm uma origem histórica e de que são produzidos em situações sociais determinadas, a comunicação discute tal origem no redator, considerado como agente social que se insere de maneira sutil no registro de seu próprio ofício. O objeto escolhido para exemplificar a metodologia empregada, *As Lamentações de Khakheper-re-seneb*, texto em hierático, preservado em uma tábua de madeira coberta por estuque, é hoje uma das fontes mais conhecidas dentre as coletâneas de textos egípcios traduzidos. Redigido na primeira pessoa do singular, esse objeto textual traz o discurso em tom de lamentação e apelo que o autor dirige ao seu próprio coração, rogando que este o aconselhe e seja sua companhia para atravessar os problemas que acometem a sociedade e o afligem. Utilizando trabalhos de tradução comentada, analisaremos como a redação do texto incorporou referências ao fazer escribal para institucionalizar saberes formulados no Egito até a época do Reino Médio. Segundo a análise semiótica proposta por A. Loprieno (2000), destacaremos



algumas passagens e suas respectivas traduções a línguas modernas para identificar sinais, marcas utilizadas para representar o autor e a sua audiência.

Palavras-chave: agência, escribas, textos de instrução, memória cultural.



SEXUALIDADE E RELIGIÃO NA PÉRSIA ANTIGA (MATHEUS TREUK MEDEIROS DE ARAUJO)

Universidade de São Paulo; Doutorado - FAPESP

mathtreuk@gmail.com.br

Especialistas como P. Briant (1996, p. 280) e B. Sergent (1986, p. 192) referem-se às descrições clássicas de homofilia entre os antigos persas como uma “polêmica” das fontes. De fato, autores como Platão, Heródoto, Quinto Cúrcio, Sexto Empírico, Xenofonte e Amiano Marcelino apresentam informações aparentemente contraditórias a esse respeito: enquanto alguns consideram que a pederastia seria prática genericamente tolerada, outros insinuam precisamente o oposto. Na ausência de documentação oriental sobre o tema, não resta escolha senão recorrer às tendenciosas fontes clássicas a fim de identificar, com clareza, os protocolos e regras dos persas quanto à pederastia e outras práticas homoeróticas. Propomos, por conseguinte, uma abordagem da questão que considere diversos desafios metodológicos relevantes para uma possível conciliação das fontes. A fim de dissipar equívocos, fatores como a religião dos aquemênidas e as visões clássicas sobre os bárbaros, eunucos e relações homossexuais masculinas devem ser cuidadosamente avaliados. Quanto ao primeiro aspecto, é mister compreender a influência do zoroastrismo na condenação de práticas homoeróticas durante a antiguidade oriental. O exame das perspectivas clássicas, por sua vez, presta-se, sobretudo, à avaliação da credibilidade ou historicidade dos relatos que nos foram legados. Por fim, destaque-se o enorme intervalo de tempo que separa autores como Heródoto (século V a.C.) e Amiano (século IV d.C.), havendo premente necessidade de superar interpretações marcadas pelo anacronismo. Assim, por meio de cuidadosa apreciação metodológica, nosso exame demonstrará a inexistência da mencionada polêmica e, ao mesmo tempo, apontará os limites impostos pelas fontes à obtenção de conhecimento sobre o tema.



Palavras-chave: Pérsia; Zoroastrismo; Aquemênidas; Sexualidade.



A ELITE DE TEH-KHET E A BAIXA NÚBIA NA AURORA DO REINO NOVO:
DESLOCAMENTO, DOMINAÇÕES E NEGOCIAÇÕES CULTURAIS (FÁBIO AMORIM
VIEIRA)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestrado - CAPES

fabioamorimvieira@gmail.com

“A ocupação egípcia da Núbia no Reino Novo foi”, afirmou William Adams, “pela primeira vez, colonização no verdadeiro sentido do termo” (ADAMS, W. Y., 1984). Desde então, a egiptologia por meio da historiografia e da literatura arqueológica vêm tornado crescente o foco de análise aos espaços núbios, especialmente na sua relação com o poder expansionista egípcio do Reino Novo. Contudo, é marcante na trajetória de pesquisa a persistência da história núbia na sombra hegemônica de poder e subjugação ao estado faraônico. Tal perspectiva, a posicionar Núbia e Egito em diferentes patamares de confluência política e cultural, reduz as complexidades presentes em um contexto de densas relações de poder na antiguidade. A espelhar a oficialidade egípcia como única alternativa ao aparente silêncio núbio, a tradição egiptológica vem insistido na assimilação de núbios aos projetos coloniais de dominação cultural faraônica na política do Reino Novo. As últimas décadas, porém, marcam a publicação de trabalhos recentes cujo enfoque se dá na problematização da dominação egípcia do espaço núbio a partir de novas abordagens e leituras a fontes egípcias e núbias. Esta proposta de comunicação debruça-se sobre a análise de espaços da Baixa Núbia e suas relações com o avanço faraônico na XVIII dinastia, aurora do Reino Novo. Do processo de domínio faraônico, fontes como a estela de Thutmose II em Aswan apresentam a prática egípcia de tomada de herdeiros da elite núbia a receberem instruções e saberes da corte faraônica sob uma política de dominação a ansiar conexões administrativas e culturais, pautadas em laços de educação de membros das elites do Sul aos costumes egípcios. Localizada no norte núbio, a Baixa Núbia no período em questão servia de espaço para



principados e organizações políticas sob controle de elites locais. Próximo à segunda catarata do rio Nilo, localizava-se o principado de Teh-Khet, cujos registros arqueológicos explorados na década de 1960 por Torgny Säve-Söderbergh revelaram por meio da cultura material aspectos interessantes das elites núbias em contato com o poder oficial e as forças militares da XVIII dinastia egípcia. Focam-se nesta análise os espaços tumulares e a cultura material funerária de Djehutyhotep e Amenemhat, irmãos e príncipes de Teh-Khet. Fortemente conectados com os cânones funerários egípcios, elementos das tumbas dos dois príncipes locais como estelas funerárias, escaravelhos e ushabtis de pedra e vasos canópicos expressam a densidade do projeto de dominação cultural egípcia às elites núbias em paralelo às edificações de templos e assentamentos no sul do Egito. No entanto, elementos minuciosos desta cultura material rica em hieróglifos egípcios apresentam contra fluxos à hegemonia faraônica, como nomeações estranhas à tradição egípcia, possivelmente núbias, além de menções a deuses locais. Percebendo estas variações culturais nas fontes concernentes aos príncipes de Teh-Khet enquanto casos particulares, mas representativos à compreensão de microcosmos (C. Ginzburg, 2006) núbios inseridos na complexidade da Núbia sob o Reino Novo, pode-se entender a experiência de poder egípcio no Sul enquanto uma complexa trama tecida por imposições coloniais, adaptações e negociações a demonstrarem a porosidade dos projetos de dominação.

Palavras-chave: Núbia, Egito, Reino Novo, Cultura, Deslocamento.



TEXTOS E PRETEXTOS: A HIERARQUIA NÃO DITA NAS RELAÇÕES EGITO - MITANI
(PRISCILA SCOVILLE)

Universidade Federal do Paraná; Mestrado - CAPES

pcnlscoville@gmail.com

Quando os primeiros tabletas das Cartas de Amarna foram encontrados, em 1887, uma nova percepção sobre a antiguidade também apareceu. A noção isolacionista do mundo antigo, mais do que nunca, precisou ser questionada. Essas correspondências nos revelaram uma ligação de forma sistemática entre os povos do Antigo Oriente Próximo. Leis e regras de comportamento foram criadas para estabelecer os parâmetros das relações. Entretanto, nem tudo é, na prática, como diz-se na teoria. A diplomacia que podemos encontrar nas cartas trocadas entre Grandes Reis era frágil e constantemente deveria ser reafirmada. Ao mesmo tempo em que esses governantes se entendiam como irmãos, pertencentes a uma mesma Casa, podemos encontrar indícios de que a paridade proposta pelo sistema não significou que, no âmbito pessoal, os reis enxergassem-se da mesma forma. A retórica nos ajuda a entender um pouco sobre essa diferença. A utilização de argumentos políticos e jurídicos nos deixa resquícios sobre a visão de mundo desses governantes, mesmo quando não conhecemos muito sobre seu reino. Atualmente, as pesquisas sobre o Egito Faraônico vêm crescendo e cada vez mais conhecemos sobre seus modos e costumes. No caso de Mitani, porém, não possuímos evidências de dentro de seu território e todos os estudos dedicados a ele são feitos por meio de fontes externas. As Cartas de Amarna são, segundo Freu, o maior conjunto de documentação em linguagem hurrita conhecido por nós (FREU, J., 2003). Assim, além de possibilitar uma discussão retórica sobre as Cartas de Amarna, este trabalho também busca (re)apresentar Mitani para a História Antiga. Este reino, que foi esquecido por tanto tempo, agora vem se colocando em seu contexto e surgindo nas pesquisas mundo a fora. Sua lembrança é uma das formas de repensar a História Antiga, deixando-a cada vez mais agregadora. Mostrando contatos, influências e as relações do passado,



poderemos entender melhor os modos como a diplomacia e as próprias relações internacionais se desenvolveram. Enquanto pessoas, os antigos, assim como nós, eram subjetivos e variáveis, portanto, um relacionamento não está definido apenas pelas regras acordadas. Mais do que isso, é preciso ver as entrelinhas e entender as questões psicológicas (e interpessoais) envolvidas. Deste modo, podemos entender que arcabouços retóricos são usados para estabelecer, de forma sutil, uma hierarquia entre os iguais, na qual cada um se vê melhor do que o outro.

Palavras-chave: Egito Antigo, Mitani, Cartas de Amarna, Retórica, Hierarquia.